

2º TEXTO

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DO SÉCULO XVIII AS REVOLUÇÕES BURGUESAS E A SOLIDIFICAÇÃO DO CAPITALISMO

Prof. Fernando Perillo da Costa
(colaboração do Prof. José Eduardo Azevedo)
uso para fins didáticos

Considerações introdutórias

O modo de produção capitalista veio se formando gradativamente, mas é no século XVIII que ocorre sua definitiva solidificação. Mas, porque naquele século ocorreram tantos e importantes acontecimentos para o mundo ocidental? A resposta está relacionada a diversos fatores.

Primeiro, porque naquele final do século XVIII e início do XIX, ocorreu uma outra fase de transição estrutural. Na segunda metade do século XVIII finalizava a decadência do feudalismo e ao mesmo tempo ocorria a afirmação da estrutura capitalista.

Em segundo lugar, porque o século XVIII foi marcado por um quadro político mundial que servirá de paradigma para as revoluções políticas e econômicas da segunda metade daquele século e início do seguinte, ou seja, um contexto no qual ocorreram a Revolução Industrial, as Revoluções burguesas, exemplificadas pela conhecida Revolução Francesa, de 1789 e a independência das treze colônias inglesas na América do Norte, que em 1776, constituíram os Estados Unidos da América.

Como em toda época na qual ocorre uma transformação estrutural, as alterações que se fazem presentes são caracterizadas por mudanças fundamentais na estrutura da sociedade. As vigas de sustentação de uma sociedade apresentam profundas rupturas nos planos econômico, político e cultural, provocando o rompimento do tecido social básico e a emergência de uma nova forma de sociedade, que gradativamente vai afirmando novas bases e novos valores ideológicos.

Referindo-se aos raros momentos históricos de transição estrutural e após ter explicado que sempre há uma continuidade entre os acontecimentos, o Prof. José Jobson de Arruda, nos diz que:

*"Nessa medida, o devir histórico é gradual e contínuo. Porém se nos colocarmos no nível mais profundo das estruturas, conseguiremos perceber as rupturas, as grandes transformações, que marcam os momentos decisivos da história da humanidade, os momentos de transição. Tais momentos se revelam, no nível dos eventos, por uma contração do tempo histórico, isto é, pelo aceleração dos acontecimentos mais importantes que se sucedem numa cadeia ininterrupta e avassaladora, demonstrando que, por detrás das aparências necessárias dos eventos, as relações sociais estão em completa ebulição"*¹

Os mais diversos tipos de mudanças na sociedade acontecem há todo momento, mas numa época de transformações estruturais elas ocorrem ao mesmo tempo nos processos econômicos, políticos e culturais que servem de base para esta sociedade, provocando uma completa alteração nas relações sociais fundamentais. Todo período de transformações estruturais é uma época de rupturas e de emergência de um novo ritmo social, de acirramento das contradições sociais, gerando um inevitável choque de valores, principalmente entre os interesses básicos que caracterizam as principais forças ou classes sociais daquele período. Isto cria uma situação que provoca uma aparência de grande confusão, de um certo caos e a aparente inexistência de lógica que explique os fatos sociais, mesmo os do cotidiano.

Não é isto que assistimos nesta passagem do século XX, para o XXI? Isto ocorre, porque também, estamos vivendo uma época de transição estrutural, mas cabe ressaltar que a sensação de confusão e de impossibilidade de se encontrar respostas para o que ocorre não significa que não haja uma lógica explicativa em relação aos acontecimentos. Cabe a quem analisa um período histórico com estas características encontrar os elementos e fatores causais que fornecem a lógica, o nexo e a coerência entre os processos que se fazem intensamente presentes.

Esta era a situação da Europa ocidental a partir das últimas décadas do século XVIII, quando ocorre o processo de afirmação do modo de produção capitalista.

1. Arruda, J. Jobson. *A Revolução Industrial*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 17/18

Esta expressão – modo de produção – originalmente encontrada na teoria de Karl Marx e largamente utilizada pelo sociólogo brasileiro, Prof. Florestan Fernandes, não se refere apenas à produção econômico-material, mas a qualquer forma de produção, abrangendo as práticas políticas e a produção simbólico cultural, caracterizando, na realidade, a existência de um modo de vida em seus múltiplos aspectos.

De acordo com o Prof. Florestan Fernandes, a expressão *modo de produção*, não pode ser utilizada em seu sentido restrito, ou seja, relacionado apenas à noção de *produção*.

"Porém, "modo de produção" não é a mesma coisa que produção, no sentido usado pelos clássicos, envolvendo a determinação dos caracteres gerais e ahistóricos de uma das esferas da Economia. Ao contrário, na terminologia marxista "modos de produção" implica todo um complexo sócio-cultural, extremamente típico e variável: compreende as noções de forma social e de conteúdo material em sua correspondência efetiva" 2

Na sequência, o mesmo autor diz ser o modo de produção algo próximo das condições que propiciam a *"reprodução da realidade"*, constituído por *"três elementos essenciais: a) as forças materiais de produção (as forças naturais e os instrumentos de produção como máquinas, técnicas, invenções, etc); b) um sistema de relações sociais, que definem a posição relativa de cada indivíduo na sociedade, através do seu status econômico; c) um sistema de padrões de comportamento, de que depende a preservação ou transformação da estrutura social anterior. Esses elementos são interativos. Qualquer mudança numa das esferas provoca mudanças concomitantes nas demais (...)" 3*

A noção de modo de produção é utilizada de maneira muito próxima do conceito de *estrutura social*,⁽⁴⁾ relacionada a um sistema produtivo e a uma forma de produção das concretas condições de existência, da vida, conseguida por uma ação social envolvendo relações entre concretos agentes sociais, ou seja, relações de produção, que partindo da estrutura econômica e do processo de produção atingem as dimensões política e econômica de uma sociedade concreta.

Para Marx, praticamente o criador da expressão, no modo de produção as práticas encontradas na estrutura econômica acabam condicionando, em última instância, as estruturas e as práticas política e cultural, com suas respectivas relações de poder e de hegemonia ideológica.

Desta forma, quando dizemos que houve uma alteração do modo de produção, sociologicamente, significa que a estrutura de uma sociedade passou por uma transformação em sua base. É o que se assistia a partir do final do século XVIII, com a consolidação do modo de produção capitalista. Para melhor compreender o período iniciado naquele momento, temos que analisar o contexto histórico marcado pelas profundas transformações sociais, em geral.

No século XVIII o ritmo das manifestações que se operavam na Europa foi marcado por críticas que a burguesia fazia às intervenções do Estado absolutista e de sua política econômica mercantilista e, opondo-se a esta situação geral, a propagação do pensamento liberal.

A argumentação de alguns economistas dessa época deu início a um período marcado pela defesa da liberdade econômica, opondo-se a toda e qualquer forma de regulamentação estatal, característica da política econômica mercantilista até então adotada pelos estados absolutistas. O mesmo ocorreu em relação às pregações políticas, cada vez mais críticas ao regime do absolutismo monárquico, como as colocadas pelos filósofos iluministas. O liberalismo econômico passou a ser acompanhado pelas idéias do liberalismo político, sempre dentro dos ideais e valores da parte dinâmica da burguesia comercial e financeira.

2. Fernandes, Florestan. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 328

3. Fernandes, Florestan. Obra citada, p.328

4. Sociologicamente, o conceito de *estrutura social* refere-se a uma articulação ou um complexo arranjo de partes fundamentais de uma sociedade, ou seja, sua estrutura econômica, a política e a cultural (ou simbólica) e que fornece esta sociedade a sua devida sustentação básica. Nestas partes que compõem toda e qualquer estrutura social são encontradas específicas, mas também articuladas relações sociais entre os agentes coletivos daquele momento histórico. Desta forma, há na estrutura econômica as relações de produção e o processo de trabalho, na estrutura política as relações de poder e o processo de *mando* e, na estrutura cultural as relações simbólicas, que podem caracterizar uma situação de hegemonia cultural entre os agentes sociais daquele momento histórico.